



DO CÉU

O livro é a porta que se abre para a realização do homem.

JAIR LOT VIEIRA



ARISTÓTELES

DO CÉU

TRADUÇÃO, TEXTOS ADICIONAIS E NOTAS
EDSON BINI

edipro

DO CÉU

ARISTÓTELES

TRADUÇÃO, TEXTOS ADICIONAIS E NOTAS: EDSON BINI

1ª Edição 2014

© desta tradução: *Edipro Edições Profissionais Ltda.* – CNPJ nº 47.640.982/0001-40

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão por escrito do Editor.

Editores: Jair Lot Vieira e Máira Lot Vieira Micales

Coordenação editorial: Fernanda Godoy Tarcinalli

Editoração: Alexandre Rudyard Benevides

Revisão: Carlos Valero

Arte: Heloíse Gomes Basso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aristóteles (384-322 a.C.)

Do céu / Aristóteles ; tradução, textos adicionais e notas Edson Bini – São Paulo : Edipro, 2014.
(Série Clássicos Edipro)

Título original: ΠΕΡΙ ΟΥΡΑΝΟΥ

ISBN 978-85-7283-760-6

1. Aristóteles 2. Filosofia antiga I. Título II. Série.

12-10821

CDD-185

Índices para catálogo sistemático:

1. Aristóteles : Obras filosóficas : 185
2. Filosofia aristotélica : 185



edipro

edições profissionais ltda.

São Paulo: Fone (11) 3107-4788 – Fax (11) 3107-0061

Bauru: Fone (14) 3234-4121 – Fax (14) 3234-4122

www.edipro.com.br

S U M Á R I O

APRESENTAÇÃO		7
CONSIDERAÇÕES DO TRADUTOR		11
DADOS BIOGRÁFICOS		13
ARISTÓTELES: SUA OBRA		21
CRONOLOGIA		39
LIVRO I		41
LIVRO II		97
LIVRO III		149
LIVRO IV		183



A P R E S E N T A Ç Ã O

APESAR DA GENIALIDADE FILOSÓFICA e do talento literário de Platão, foi somente com Aristóteles que o conhecimento ocidental recebeu uma sistematização.

Aristóteles ocupou-se de todo o espectro do conhecimento de seu tempo. O que chamava de ciência (επιστημη [*episteme*]) era cada setor ou disciplina da filosofia.

Assim, a biologia, a zoologia, a botânica, a fisiologia, a medicina, as matemáticas (astronomia, aritmética, geometria e harmonia), a meteorologia, a história, a geografia, bem como a física (que chama expressivamente na sua terminologia de *filosofia segunda*), a metafísica (na sua terminologia, *a filosofia primeira*), a psicologia, a epistemologia, a linguística, a economia, a antropologia, a ética e a política aninham-se no bojo de um sistema filosófico, ou seja, constituíam partes comunicantes de um todo que era a filosofia.

Na medida de nossa percepção bastante limitada do saber antigo (inclusive helênico), em função do pouco que a nós chegou, estamos autorizados a afirmar que Aristóteles foi o sistematizador do saber ocidental.

Esse saber, evidentemente, cresceu e acumulou-se depois do Estagirita. A partir, sobretudo, da Idade Moderna, o espectro do conhecimento expandiu-se enormemente, ocorrendo no Ocidente um avanço sem precedentes.

Esse espectro, ademais, sofreu uma alteração radical do prisma da forma de sua sistematização ou organização: as ciências foram compartimentadas, nascendo a especialização. Por outro lado, aquilo que o Esta-

giritica encarava e abordava como disciplinas filosóficas intercomunicantes adquiriu independência e autonomia. Surgiu, com base no conceito moderno de ciência, a distinção capital entre ciência e filosofia. A classificação moderna do conhecimento distinguiu basicamente entre *ciências biológicas* (biologia, fisiologia, medicina e muitas outras especializações e ramificações), *ciências exatas* (geometria, aritmética, álgebra e física, entre outras especializações e ramificações) e *ciências humanas* (antropologia, psicologia, ética, política e outras compartimentações).

O domínio da filosofia, assim como sua importância, foram reduzidos drasticamente; a filosofia foi reduzida, a nos exprimirmos grosso modo, à epistemologia (teoria do conhecimento), à lógica – para Aristóteles o instrumento (ὄργανον [*organon*]) das ciências, e não propriamente uma ciência – e à metafísica.

São os novos valores do conhecimento. Numa metáfora singela, foi como se as filhas da filosofia, as ciências, se rebelassem com sua mãe e senhora, dela se libertassem, ganhassem poder e hegemonia e impusessem à mãe destronada uma função, segundo os novos valores, menor e subalterna.

Todavia, a despeito de tudo isso, a lógica formal, por exemplo, criação de Aristóteles, permaneceu e permanece ainda hoje como instrumento das ciências.

No âmbito das ciências humanas ou sociais (incluindo os rebentos mais novos da filosofia, como o direito e a sociologia), especialmente em vinculação com a metafísica, a ética e a política, o pensamento aristotélico mantém-se vivo e manifestamente na ordem do dia.

Inevitavelmente, no que respeita à esfera que denominamos modernamente das ciências biológicas e aquela das ciências exatas, as teorias aristotélicas declinaram e alcançaram o crepúsculo. Seu valor histórico, contudo, é, em primeiro lugar, inestimável: seguramente não haveria ciência moderna e contemporânea (inclusive a assombrosa tecnologia de ponta que conhecemos tão bem e de que usufruímos no século XXI) sem as reflexões, investigações e doutrinas do Estagirita; em segundo lugar, as, por assim dizer, “teorias físicas” de Aristóteles (no âmbito, digamos, da física propriamente dita, da astronomia, da meteorologia e da geologia) e as “teorias biológicas” (no âmbito da biologia, da zoologia e da fisiologia,

entre outras), como partes necessárias do sistema do pensamento filosófico de Aristóteles, têm de ser estudadas para a compreensão do todo desse sistema, que principiando nas tais ciências biológicas e físicas encontra seu clímax e encerramento nas ciências humanas e sociais, com a ética e a política aristotélicas, que resistem ao açoite do tempo.

Por essas duas razões, a se somarem à iniciativa e realização desta Editora de publicar as Obras Completas de Aristóteles, disponibilizamos agora a tradução do tratado *Do Céu*.

É quase certo o título *Do Céu* (Περὶ οὐρανοῦ [*Peri uranoy*]) ter sido introduzido pelos editores antigos, não tendo sido dado pelo próprio Aristóteles. Os latinos, posteriormente, traduziram-no literalmente, ou seja, por *De caelo*.

Esse tratado, cujo objeto é a *cosmologia* (κοσμολογία [*kosmologia*]), palavra que poderíamos traduzir por “estudo do universo ordenado”, o que corresponde essencialmente ao que chamamos modernamente de astronomia, guarda estreita proximidade com a *Física*, de cuja leitura e estudo não prescinde, até porque sua compreensão depende de conceitos fundamentais contidos e explicados na *Física*; também está intimamente aparentado ao *Da Geração e Corrupção* e à *Meteorologia*. Discorrendo sobre corpos e fenômenos celestes, além de fenômenos físicos, Aristóteles executa a crítica à teoria cosmogônica contida no *Timeu* de Platão, e apresenta sua teoria cosmológica geral com base em sua doutrina dos cinco elementos: o éter (elemento superior e imprecível) e os quatro elementos inferiores (fogo, ar, terra e água) perecíveis da região sublunar que se produzem entre si, e naquela da finitude e eternidade do universo; Aristóteles aborda ainda a questão da geração e corrupção.



CONSIDERAÇÕES DO TRADUTOR

PARA ESTA TRADUÇÃO, tomamos por base o texto estabelecido de Immanuel Bekker. Amparamo-nos, ademais, ocasionalmente nas orientações de outros ilustres helenistas.

O estilo de Aristóteles, como já comentamos alhures, na medida em que seus textos são majoritariamente transcrições de aulas (e não propriamente textos originalmente redigidos para publicação) revela-se (a somar-se à postura e perfil “científicos” do Estagirita) geralmente seco e compacto, às vezes reiterativo, às vezes, pelo contrário, lacunar. Nada da beleza e elegância literárias dos escritos de seu mestre Platão.

Em *Do Céu*, alterando nosso usual método de tradução, em lugar de tentarmos traduzir na mediania literalidade/paráfrase (mais ou menos equidistantes de uma e outra) procuramos, numa certa maneira, alternar literalidade e paráfrase, devido às dificuldades peculiares de *Do Céu*. O resultado, descontadas as limitações do tradutor, será estimado pelo leitor.

Em conformidade com o objetivo formativo e didático, nos registros em grego eliminamos a acentuação e os espíritos, e incluímos a transliteração apenas aproximativa, sem nenhum rigor, determinado pela erudição, de fazer constar uma transliteração que pretendesse ser objetiva e universal. As notas têm geralmente cunho meramente informativo e elucidativo, raramente crítico, mas devem ser consideradas como extensões necessárias de nossa tradução, que se configura sempre como tradução *anotada*. Por vezes reproduzimos frases ou até períodos inteiros em grego nas notas, o que possibilita ao leitor conhecedor da língua, num grau ou

outro, apreciar mais intimamente o texto, comparar e, eventualmente, conceber sua própria tradução. Nosso procedimento minimiza, ainda que modestamente, a ausência de um texto bilíngue.

Os eventuais termos entre colchetes buscam completar conjecturalmente ideias na ocorrência de hiatos que comprometem ou mesmo impossibilitam a compreensão.

À margem esquerda das páginas é indicada a numeração da edição referencial de Immanuel Bekker, de 1831, utilíssima para facilitar as consultas.

Resta pedir ao leitor – legítimo juiz de nosso trabalho e razão de ser dele – que expresse sua opinião, críticas e sugestões – contribuição, para nós, de sumo valor, que possibilitará o aprimoramento de edições futuras, e pela qual desde já agradecemos.